

PONCIÁ VICÊNCIO, DE CONCEIÇÃO EVARISTO, E A CONDIÇÃO DA MULHER NEGRA NO BRASIL

PONCIÁ VICÊNCIO, BY CONCEIÇÃO EVARISTO, AND THE CONDITION OF THE BLACK WOMAN IN BRAZIL

Maria Perla Araújo Morais ¹
Marília Gabriela Pereira da Silva ²

Resumo: Buscamos neste texto refletir e observar como se constrói a imagem e a condição da mulher negra no romance Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo. Há, na obra, uma preocupação em retratar na personagem principal a consciência da sua história, cultura e tradições se confrontando com a condição de ser mulher negra na sociedade brasileira no início do século XX. Procuramos fundamentar nossas discussões no retrato da mulher negra nos períodos posteriores à abolição da escravidão no Brasil. Com isso, queremos enfatizar como o romance discute a objetificação que essa mulher sofre na sociedade e na literatura. Trazer à tona as identidades negras é uma questão prioritária na obra de Conceição Evaristo. A escritora enxerga as especificidades desse grupo visando romper com a invisibilidade da realidade das mulheres negras no Brasil. **Palavras-chave:** Ponciá Vicêncio. Mulher Negra. Violência.

Abstract: In this text we observe how the image and condition of the black woman is constructed in the novel Ponciá Vicêncio, by Conceição Evaristo. In the book there is a concern to portray the main character's awareness of her history, culture, and traditions confronting the condition of being a black woman in the Brazilian society at the beginning of the 20th century. We base our discussions on the portrait of black women in the periods after the abolition of slavery in Brazil in order to emphasize how the novel discusses the objectification this woman suffers in society and literature. Bringing up black identities is a priority issue in Conceição Evaristo's work. She sees the specifics of this group as to break with the social invisibility of black women in Brazil.

Keywords: Ponciá Vicêncio. Black Woman. Violence.

Doutora em Literatura Comparada pela UFF. Professora da ¹
Graduação e da Pós-Graduação em Letras da UFT. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3954661608683588>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9860-1706>.
E-mail: perlamorais@gmail.com

Mestranda em Letras/Literatura pela UFT. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1665933558685925>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7976-8199>. ²
E-mail: gabi12061994@gmail.com

Introdução

É inegável que os mais afetados pela violência urbana e pelas desigualdades sociais é a população negra. No caso da conjuntura brasileira, os negros são, na maioria das vezes, os mais pobres. Esse grupo é diariamente violentado, silenciado e, constantemente, assassinado. Mas, para as elites e para o Estado, são apenas números que nada dizem a respeito da sociedade brasileira. Se formos pensar na condição da mulher negra, percebemos que elas, além do racismo, estão expostas às violências que cercam sua identidade de gênero.

Diante desse panorama, objetivamos, com este trabalho, a partir do romance *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo, promover uma reflexão sobre a realidade das mulheres negras no Brasil. A obra se passa no início do século XX e acompanha a trajetória de Ponciá Vicêncio na sua busca por uma vida melhor na cidade grande. O começo desse século é crucial na historiografia brasileira, uma vez que vemos a sociedade sob o impacto da abolição da escravidão do povo negro. Nortearemos nosso estudo pela perspectiva que defende que a mulher negra, pobre e periférica é uma cidadã, mas, ao longo do tempo, seus direitos têm sido violados pela sociedade brasileira machista, preconceituosa, racista e excludente.

É fato que a sociedade brasileira, por muito tempo, silenciou as mulheres, ocultou seus escritos e objetificou tudo o que envolvia esse gênero. Vale ressaltar que o cenário literário, durante muito tempo, foi masculino, burguês e branco. Isto é, neste espaço não existia a voz da identidade negra e, quando se retratava esse grupo, sempre se fazia no sentido de afirmar preconceitos e misoginia. Dessa forma, a contribuição cultural que mulheres negras poderiam oferecer para a sociedade foi desvalorizada. Durante muitos anos, a imagem da mulher negra esteve vinculada a estereótipos negativos oriundos do pensamento colonial, sendo representadas de forma objetificada. Queremos ler *Ponciá Vicêncio* para observar o registro esquecido, na medida em que acreditamos na necessidade de se projetar uma sociedade essencialmente democrata e para todos, independentemente de gênero e raça.

A sociedade contemporânea ainda está marcada pela escravidão. Em vista disso, a discussão que ora apresentamos torna-se essencial para entendermos a própria construção das estruturas sociais, políticas e econômicas de hoje. Nosso interesse com este trabalho é refletir acerca da segregação racial e urbana que as personagens femininas do romance *Ponciá Vicêncio* (2003), de Conceição Evaristo, sofrem ao longo da narrativa para observarmos a denúncia da escritora sobre a condição da mulher negra no Brasil.

A violência urbana e psicológica na mulher negra em *ponciá vicêncio*, de conceição evaristo

Em relação à população negra, notamos um histórico de violências e violações de seus direitos desde o século XVI quando a Europa começou a expandir suas rotas comerciais e exploratórias. No século XIX, no entanto, a maioria dos países que aceitavam a escravidão do povo africano construiu novos regimes de trabalho que não exigiam a existência do sistema escravocrata. Em muitos países, por isso, aconteceu a abolição da escravidão, mas as identidades negras ficaram à mercê do julgamento moral do período posterior e da narrativa científica que, naquela época, se fortalecia e enfatizava a diferença e a hierarquia racial. Assim, as violações de cidadania foram sustentadas por leituras racistas elaboradas no século XIX. Tais discursos racistas perpassam a história do Brasil, reforçando relações desiguais entre as condições de direitos.

O fim da escravidão no Brasil não garantiu aos negros a liberdade que esperavam e, muito menos, o acesso aos direitos básicos. O legado que a escravidão deixou para esse grupo pode ser percebido nas instituições e nas estruturas sociais brasileiras. As profissões, cargos e posições em nossa vida social levam em conta esse racismo estrutural:

[...] O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo “normal” com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O

racismo é estrutural [...] O racismo é parte de um processo social que ocorre pelas costas dos indivíduos e lhes parece legado pela tradição (ALMEIDA, 2018, p.38-39).

Sobre a mulher negra, é interessante pensar em outros dispositivos de poder que atuam sobre esse corpo. Interseccionado pela identidade étnico-racial e de gênero, a mulher negra está exposta à violência de um passado escravista, colonial e à violência contra o sujeito feminino. Portanto ela é duplamente assujeitada às formas de opressões existentes.

Ponciá Vicêncio se contrapõe às literaturas e às leituras feitas no século XIX e XX, em que a mulher negra é representada de maneira estereotipada e estigmatizada. O romance é transgressor por apresentar a figura da mulher negra com representatividade e subjetividade. Assim, vemos os pensamentos, os comportamentos de um sujeito feminino em confronto com as estruturas sociais/coloniais que permanecem, mesmo abolida a escravização. A essa realidade opressora, a narrativa escolhe dar voz à mulher negra, pobre e periférica para expressar sua situação diante de uma sociedade estratificada pelas questões raciais. De acordo com a historiadora Norma Telles (1989):

Para a mulher escrever dentro de uma cultura que define a criação como dom exclusivamente masculino, e propaga o preceito segundo o qual, para a mulher, o melhor livro é a almofada e o bastidor, é necessário rebeldia e desobediência aos códigos culturais vigentes (TELLES, 1989, p. 75).

Nesse sentido, a literatura e a escrita para a mulher, sobretudo para a mulher negra, representam um instrumento de força e resistência numa sociedade violenta, excludente e opressora. Em vista disso, Conceição Evaristo, consciente da sua perspectiva, e a partir da sua experiência de vida enquanto mulher negra, constrói personagens femininas com história e densidade psicológica, e, por conseguinte, analisa, conta e reflete sobre um assunto que ainda é complexo. A sociedade brasileira aboliu o regime escravista, porém ainda vive aos moldes do colonialismo afetando diretamente vidas de mulheres negras.

Conforme GAFFO (2012, p.196), no século XIX, algumas mudanças comportamentais começaram a ser percebidas no cotidiano feminino, no entanto foram muito sutis. Isso se deve ao fato de ser bastante complicada a quebra de barreiras no que se refere a hábitos e modo de ver o mundo diferentes dos heteropatriarcais e coloniais. As mulheres no século XIX eram subalternas aos homens, de modo que estavam em posição de inferioridade e obediência. Em relação à mulher negra, soma-se a essa situação a identidade étnico-racial para a vermos sujeita também à objetificação e exploração sexual e física.

É este contexto que a obra *Ponciá Vicêncio* discute, apresentando mulheres com conflitos interpessoais e intrapessoais, especialmente em duas personagens femininas e negras: Ponciá e Biliza. A narrativa, escrita em terceira pessoa, é conduzida pelas memórias da personagem principal apresentando ao leitor o passado e o presente de Ponciá Vicêncio.

A narradora apresenta a história dessa personagem, suas desilusões e esperanças de mudar de vida. Ponciá Vicêncio sofre ao sair do campo e ir para cidade grande com a expectativa de conseguir melhores condições de vida para ela e sua família. A protagonista gostaria de comprar uma casa na cidade e buscar sua mãe Maria e seu irmão Luandi, porém, ao chegar à cidade e deparar-se com uma realidade cruel, a protagonista vê seus sonhos destruídos por uma sociedade racista e excludente. A mesma história se repete com outra personagem feminina do romance, Biliza, que também sai do campo em busca de melhores condições de vida na cidade grande. A única oportunidade de emprego que Ponciá e Biliza conseguem na cidade é a de empregada doméstica, pois outros cargos de prestígio social e melhor remuneração são privilégios dos brancos. Ainda hoje essa situação se perpetua em relação a essa identidade, o que faz a filósofa Djamila Ribeiro problematizar a situação e requerer para as mulheres negras políticas públicas para evitar essa desigualdade:

Quando discutimos identidades, estamos dizendo que o poder deslegitima umas em detrimento de outras. O debate, portanto, não é meramente identitário, mas envolve pensar como algumas identidades são aviltadas e ressignificar o conceito de humanidade, posto que pessoas negras em geral e mulheres negras especificamente não são tratadas como humanas. Uma vez que o conceito de humanidade contempla somente homens brancos, nossa luta é para pensar as bases de um novo marco civilizatório. É uma grande luta, que pretende ampliar o projeto democrático (RIBEIRO, 2018, p.27).

As diversas formas de violências físicas e/ou psicológicas contra os negros/as praticadas no Brasil ao longo da sua formação aglutinaram atos desumanizadores, desvalorizando essas identidades mediante ações cruéis de dominação e coisificação dessa identidade. Especialmente as mulheres negras que sempre foram exploradas fisicamente e sexualmente, ao ponto da miscigenação ter sido, na maioria das vezes, fruto do estupro. É interessante mencionar que, mesmo após a abolição da escravidão, a condição da mulher negra na sociedade brasileira não mudou muito. A vida dessa mulher negra e pobre é banalizada, o seu corpo é estruturalmente estigmatizado e sua vida desvalorizada.

Diante desse panorama, a mulher negra é constantemente associada ao prazer ou ao trabalho pesado. Em *Ponciá Vicêncio*, a condição de vida da protagonista que dá nome à obra não muda muito ao sair do campo e ir para a cidade grande, pois não lhe são dadas condições melhores de sobrevivência. Segundo Djamila Ribeiro, é preciso estar atenta a essa especificidade para não acreditarmos em generalizações:

Quando, muitas vezes, é apresentada a importância de se pensar políticas públicas para mulheres, comumente ouvimos que as políticas devem ser para todos. Mas quem são esses “todos” ou quantos cabem nesses “todos”? Se mulheres, sobretudo negras, estão num lugar de maior vulnerabilidade social justamente porque essa sociedade produz essas desigualdades, se não se olhar atentamente para elas, se impossibilita o avanço de modo mais profundo (RIBEIRO, 2017, p. 25).

Desse modo, torna-se extremamente importante e necessário discutir e refletir sobre a situação dessas mulheres que estão às margens da sociedade brasileira e que ainda hoje são invisíveis aos olhos da elite branca e masculina brasileira. Segundo a concepção de Djamila Ribeiro:

Melhorar o índice de desenvolvimento humano de grupos vulneráveis deveria ser entendido como melhorar o índice de desenvolvimento humano de uma cidade, de um país. E, para tal, é preciso focar nessa realidade, ou como as feministas negras afirmam há muito tempo: nomear. Se não se nomeia uma realidade, sequer serão pensadas melhorias para uma realidade que segue invisível. A existência em falar de mulheres como universais, não marcando as diferenças existentes, faz com que somente parte desse ser mulher seja visto (RIBEIRO, 2017, p. 25).

Nota-se que Djamila Ribeiro nos faz pensar sobre a condição e quais papéis sociais

são dados à mulher negra e pobre no Brasil. É preciso discutir sobre o que acontece com esse sujeito e qual é a oportunidade que lhe é oferecida numa sociedade fragmentada e preconceituosa. Se a sociedade silencia, a obra *Ponciá Vicêncio* dá oportunidade de essas mulheres expressarem suas dores e angústias nessa luta desigual.

Existe em *Ponciá Vicêncio* uma passagem em que se pode observar que a sociedade brasileira ainda é estruturalmente racista e excludente. Ponciá Vicêncio morava na vila Vicêncio, uma comunidade onde estão abrigados os descendentes de antigos escravizados. Quando ela sai de sua comunidade em busca de uma vida melhor, logo encontra os desafios que a cidade grande representa para essas identidades. No dia em que chega à cidade, é obrigada a dormir na escadaria de um templo:

Quando o trem foi diminuindo a marcha e parou na plataforma, *Ponciá Vicêncio* apertou contra o peito a pequena trouxa que carregava no colo durante a viagem inteira. Levantou-se aflita e olhou desesperada lá fora à procura de alguém. Não divisou um rosto conhecido, experimentou um profundo pesar, embora soubesse de antemão que não havia ninguém esperando por ela. Não conhecia ninguém, nunca viera até a cidade e todos os seus parentes haviam ficado para trás. Nenhum deles havia ousado tamanha aventura. Estava escurecendo, *Ponciá* não sabia bem o que fazer. Caminhou rápido e alcançou o lado de fora da estação. Quis olhar para trás, mas temeu o desejo de recuo. Olhou em frente, uma imponente catedral, com suas luzes acesas, esperava pelos crentes, no final da avenida. O relógio da matriz era enorme, de longe conseguiu ler as horas. Eram seis. *Ponciá* tinha 19 anos, sendo capaz ainda de inventar sentimentos de segurança. Caminhou firme, sempre em frente, e só parou quando chegou à escadaria do templo (EVARISTO, 2003, p. 31).

Percebe-se que Ponciá Vicêncio não tem nenhum apoio ao chegar à cidade, denunciando um problema histórico: depois da abolição, o Brasil não acolheu em termos de cidadania a identidade negra. Expostos à própria sorte e à exploração de antigos escravocratas, essas identidades viam nas cidades grandes a possibilidade de mudarem de vida. Acontece que, numa sociedade estruturalmente racista, o sonho moderno de vencer pelo trabalho não é uma narrativa para todos; apenas um privilégio para alguns grupos. Sem apoio e sem direitos, as identidades negras encontrarão inúmeros obstáculos nas cidades.

Fica patente nesse deslocamento de Ponciá a violência urbana principalmente nas diásporas internas promovidas pela abolição da escravidão. Muitos negros estavam libertos, mas permaneciam trabalhando em regime escravista nas propriedades dos seus antigos senhores. Estavam espoliados de poderem trabalhar na terra e migravam em busca de melhores condições na cidade. Mas, na cidade, também não recebem nenhum tipo de acolhida, mesmo que essa migração tenha sido intensa.

Notamos que a identidade negra tem sido vitimada por diversas expressões da violência, destacando-se a violência urbana, na segregação socioespacial e no racismo. Ponciá, sem acolhida na cidade, depois conseguirá um emprego como doméstica e irá morar numa periferia.

Também a figura de Biliza nos mostra como essa dinâmica da violência urbana com teor racial funciona no Brasil. Quando Biliza sai do campo e vai para a cidade em busca de melhores condições de vida e não as encontra, é possível perceber que o único capital do qual ela dispunha era o seu próprio corpo. O corpo da mulher negra está mais vulnerável, numa sociedade que não a absorve em trabalhos formalizados:

Biliza, como ele e a irmã, viera da roça para a cidade. Não era das redondezas dele. Viera com a ideia de trabalhar. Trabalhou muito, juntou algum dinheiro com o propósito de voltar em casa para buscar o pai, a mãe e os irmãos. Um dia, não se sabe como, a caixinha de dinheiro que ela guardava no fundo do armário sumiu. Sumiram as economias, o sacrifício de anos e anos. *Biliza* se desesperou. Ninguém entrava em seu quarto a não ser, de vez em quando, o filho da patroa. Sim, ele era o único que entrava lá, às vezes, quando dormia com ela. Só podia ter sido ele a tirar o dinheiro por brincadeira, para assustá-la talvez. A patroa não gostou da suspeita que caiu sobre o seu filho. Quanto a dormir com a empregada, tudo bem. Ela mesma havia pedido ao marido que estimulasse a brincadeira, que incentivasse o filho à investida. O moço namorava firme uma colega de infância, ia casar em breve e a empregada *Biliza* era tão limpa e parecia tão ardente. *Biliza* não encontrou o dinheiro e nunca mais viu o filho da patroa (EVARISTO, 2003, p. 84).

Depois de perder todas as suas economias, a personagem *Biliza* começa a trabalhar com a prostituição. Desse modo, é possível perceber uma reflexão sobre o processo de reintegração do negro/a na sociedade. As senzalas da casa grande foram substituídas pelo quarto de empregada doméstica onde mulheres negras, pobres e periféricas são muitas vezes violentadas moral e sexualmente.

A personagem *Biliza* denuncia as várias vulnerabilidades a que o corpo negro está sujeito na sociedade brasileira. Ao se prostituir, *Biliza* encarna a fruição realizável da mulher-objeto, seu corpo passa a representar a carne sexualizada, os prazeres oferecidos pelo corpo feminino ao homem.

Assim, os reflexos do período colonial permanecem vivos no imaginário da sociedade brasileira, porém aparece de forma velada numa sociedade supostamente democrática que ainda conserva as relações de gênero hierárquicas pela identidade étnico-racial. Desse modo, a condição das personagens Ponciá Vicêncio e *Biliza* representa a continuidade do regime escravista na sociedade brasileira. Bonnici problematiza acerca da condição da identidade negra no pós-colonial:

Iniciou-se o século XX com um triste panorama composto por dezenas de povos e nações submetidos ao colonialismo europeu, por milhões de negros, descendentes de escravos, especialmente nos Estados Unidos e na África do Sul, discriminados em seus direitos fundamentais, pela metade feminina da população mundial vivendo num contexto patriarcal, pelo poder político e econômico nas mãos da raça branca, cristã e rica em países industrializados (BONNICI, 2009, p. 260).

Esse cenário caótico nos leva a refletir que a violência contra o negro/a deve ser estudada e discutida levando em consideração os vários aspectos e as suas múltiplas especificidades. A violência urbana que afeta diretamente a população negra caracteriza-se como violência social e apresenta profundas relações com a escravidão. As personagens femininas do romance constantemente enfrentam obstáculos, numa forma de a narrativa apontar para a dinâmica que esses grupos têm na vida social:

Luandi já havia falado com *Biliza* que, assim que ele fosse soldado, arrumaria uma casa e se ela quisesse poderia ir com

ele. E depois, então, ela deixaria vir e viriam os filhos, que eles fariam. No dia que ele falou para *Biliza* que gostaria de tirá-la dali, caso ela quisesse, a moça não deu resposta alguma e nem mostrou sinal algum de satisfação. Mas, na outra semana, quando ele voltou, teve uma surpresa. Ela começou a abrir alguns embrulhos. Eram panos para fazer lençóis, toalhas, fronhas, tudo o que fosse preciso. Mas, em meio a tanta alegria, *Biliza* estrela revelou um temor. Havia uma pendência e ela não sabia como resolver. Negro Climério. O homem era um perigo (EVARISTO, 2003, p. 95-96).

No atual contexto brasileiro, a mulher negra tem sido vista como um dos grupos mais vulneráveis às expressões de violência. Elas moram em áreas segregadas, ocupam os trabalhos com menor remuneração, são maioria do número de feminicídios. Este é o caso da personagem *Biliza*, que tem sua vida tirada por Negro Climério, uma vez que não aceitava que ela se casasse e saísse da prostituição:

Ao se aproximar do casarão, *Luandi* cruzou com negro Climério. O homem, ao avistá-lo, abaixou a cabeça e apressou o passo como se quisesse correr [...] *Luandi* correu em direção oposta, alcançando a porta do casarão. Num segundo estava no quarto de *Biliza*. E foi o momento exato, o tempo gasto para tomá-la nos braços e ver a sua *Biliza*-estrela, toda ensanguentada, se apagando (EVARISTO, 2003, p. 97).

Nesta passagem, percebemos que *Biliza* não teve a oportunidade de mudar e ter uma vida melhor numa sociedade que é extremamente violenta com o corpo negro. Essa sociedade não consegue se relacionar com as mulheres negras a não ser a partir da sua exploração. Se *Biliza*, assim como outras mulheres, querem sair desse regime de ter a sua força de trabalho relacionada à exploração sexual, elas imediatamente são impedidas.

Sua vida foi tirada de forma cruel e desumana por Negro Climério: “Na cama, os panos, as linhas e a agulha com a qual ela preparava com afincio o seu enxoval. *Luandi* tremia. Negro Climério havia matado sua *Biliza*-estrela. Matou a mulher! Matou a mulher que ia ser tão feliz!” (EVARISTO, 2003, p. 97). A vida da mulher negra é tirada de forma brutal e seus sonhos interrompidos. Djamilia Ribeiro nos fala dos altos índices de feminicídio da mulher negra:

Também podemos citar essa realidade no contexto brasileiro o alto índice de feminicídio de mulheres negras, a constatação de que mulheres negras ainda são a maioria no trabalho doméstico e terceirizado e tantos outros exemplos. O fato de ocuparem lugares em que aumenta a situação de vulnerabilidade faz com que certas medidas consideradas como retrógradas também atinjam esses grupos de maneira mais acintosa (RIBEIRO, 2017, p. 37).

Essa é uma situação que exige a criação de estratégias e políticas públicas que propiciem mudanças positivas para reverter essa realidade. Nem sonhar essas identidades têm direito, como a personagem *Biliza* comprova. A sociedade racista e excludente não consegue aceitar esse grupo como fazendo parte da vida social. A violência urbana e social contribui para que vidas negras sejam tiradas, como, por exemplo, a vida de *Biliza*.

Desse modo, esse cenário nos leva a refletir que a violência contra a mulher negra deve ser discutida levando em consideração vários aspectos. A violência urbana presente na narrativa de Conceição Evaristo caracteriza-se como violência social que traz à tona a violência estrutural no Brasil. Ponciá nos revela que conhecia muitos casos tristes, mas acreditava que não seria como eles:

Ela sabia de muitos casos tristes, em que tudo havia dado errado. Procurou se lembrar de algum que tivesse dado tido um final feliz. O caso dela, quando voltasse para buscar os seus, haveria de ser uma história de final feliz. Não lembrou. Esforçou-se mais e não atinou com nenhum. Não esmoreceu. Relembra tanto, falavam tanto daqueles casos tristes, que, até ela, só se lembrava deles. Não tinha importância. O caso dela, quando voltasse para buscar os seus, haveria de ser uma história de final feliz (EVARISTO, 2003, p. 33).

Sonhar é a única forma que Ponciá e a população negra têm de pensar em melhores condições de vida. O sonho traz em si a capacidade de produzir transformação de todo um grupo. As mulheres negras estão sujeitas a um conjunto de negações, seus direitos básicos violados, no entanto carregam em si sonhos que nutrem a esperança de uma vida melhor para elas e para os seus. A protagonista do romance de Conceição Evaristo sonhava em poder mudar o seu destino e a história dos seus através da única oportunidade de emprego que conseguiu na cidade grande como empregada doméstica:

Aos poucos *Ponciá* foi-se adaptando ao trabalho. Ficou mesmo na casa da prima da moça que ela havia conhecido na igreja. Foi aprendendo a linguagem dos afazeres de uma casa na cidade. Nunca esqueceu o dia em que a patroa lhe pediu para que ela pegasse o *peignoir* e, atendendo prontamente o pedido, ela levou-lhe a saboneteira. Errava muito, mas ia aprendendo muito também. Estava de coração leve, achava que a vida tinha uma saída. Trabalharia, juntaria dinheiro, compraria uma casinha e voltaria para buscar sua mãe e seu irmão. A vida lhe parecia possível e fácil (EVARISTO, 2003, p. 38-39).

Observa-se que a segregação racial aparece no romance de modo a conservar a organização do período colonial no Brasil. A mulher negra continua sendo vista como uma personagem secundária na sociedade. Sua morte não é reclamada; pelo contrário, é naturalizada. Ela ainda é a empregada doméstica, desprestigiada e inferiorizada socialmente; é a mulher que segue com uma história de servidão.

Diante do exposto, podemos observar que a situação da violência urbana como a pobreza, o desemprego, a segregação socioespacial afeta diretamente a vida das mulheres negras. Nesse sentido, é possível apontar que as mulheres negras estão sujeitas a diversas vulnerabilidades no seu cotidiano.

Posto isto, a realidade opressora começa a afligir Ponciá Vicêncio, a menina forte e guerreira que saiu de sua comunidade vila Vicêncio para tentar a sorte na cidade grande como tantas outras mulheres pobres e migrantes do Brasil. Podemos observar no próximo fragmento da narrativa que os sonhos da protagonista vão se perdendo e sua vida deteriorando:

Via a vida e os outros se fazendo, assistia aos movimentos alheios se dando, mas se perdia, não conseguia saber de si. No princípio, quando o vazio ameaçava a encher a sua pessoa, ela ficava possuída pelo medo. Agora gostava da ausência, na qual ela se abrigava, desconhecendo-se, tornando-se alheia de seu próprio eu (EVARISTO, 2003, p. 40).

Nota-se que o quadro psicológico de Ponciá sofre alterações. As frustrações devido à perda dos filhos, a ausência dos seus e o abandono por parte da sociedade contribuem para que a protagonista entre em um estado de inércia total. Ponciá Vicêncio como personagem

de ficção representa o limite extremo da opressão do homem e da sociedade sobre a mulher negra. Ponciá encarna o próprio sofrimento, a inércia a tudo e a todos, a prostração diante de uma estrutura excludente e opressora. Todos esses sofrimentos são aliviados apenas pelas lembranças que ela tem de sua família e do trabalho artesanal com o barro que fazia na vila Vicêncio. Ponciá e Biliza são personagens que denunciam os resultados da opressão sofrida pelos negros desde a escravidão no Brasil e especialmente as violências físicas e psicológicas sobre o corpo feminino e negro.

Ponciá Vicêncio, como uma personagem de ficção, representa em si a mulher esposa, jovem, a mulher negra, a filha, a irmã e a mulher migrante no Brasil. Conceição Evaristo representa em uma única personagem vários papéis sociais que as mulheres ocupam na sociedade e levanta a crítica sobre a situação da mulher negra no pós-colonial.

Objetificada pela sociedade, o seu companheiro também contribui para que Ponciá entre num quadro psicológico preocupante devido às violências físicas que sofre do marido.

Ultimamente andava muito bravo com ela, por qualquer coisa lhe enchia de socos e pontapés. Vivia repetir que ela estava ficando louca. Mas de manhã quando acordava e guardava a marmitta, enquanto bebia o gole ralo de café (mesmo se a latinha estivesse quase cheia de pó, a bebida era sempre rala), ele era calmo, quase doce. Ele sentia saudades da outra *Ponciá Vicêncio*, aquela que ele conhecera um dia. E se perguntava, sem entender, o que estava acontecendo com a sua mulher. Ela que antes era feita formiga laboriosa resolvendo tudo. Ela que muitas vezes saía junto com ele na labuta diária do fogão, da limpeza, das trouxas de roupa nas casas das patroas. O que estava acontecendo com *Ponciá Vicêncio*? (EVARISTO, 2003, p. 55).

De fato, a relação de Ponciá e seu marido também vai se deteriorando a partir das violências físicas e psicológicas que a personagem sofre durante a narrativa. Vale ressaltar que o ponto crucial para o afinamento da vida da protagonista é a ausência de seu próprio eu. Ponciá acaba não se reconhecendo mais, não conhecendo aquela realidade em que está inserida. Observemos, na próxima passagem, que Ponciá demonstra estar ciente da sua realidade de opressão:

Ponciá deitou-se na cama imunda ao lado do homem e de barriga para cima ficou como olhar encontrando o nada. Veio-lhe a imagem dos porcos no chiqueiro que comem e dormem para serem sacrificados um dia. Seria isto vida, meu Deus? Os dias passavam, estava cansada, fraca para viver, mas coragem para morrer também não tinha ainda. O homem gostava de dizer que ela era pancada da ideia. Seria? Seria! Às vezes, se sentia, mesmo, como se a sua cabeça fosse um grande vazio, repleto de nada e de nada (EVARISTO, 2003, p. 29-30).

É fato que *Ponciá Vicêncio* é mais uma vítima de uma sociedade que nega qualquer possibilidade de melhoria para um grupo marginal. No decorrer dos anos, na cidade grande a realidade da personagem vai se tornando mais sofrida:

Quando os filhos de *Ponciá Vicêncio*, sete, nasceram e morreram, nas primeiras perdas ela sofreu muito. Depois, com o correr do tempo, a cada parto, ela chegava mesmo a desejar que a criança não sobrevivesse. Valeria a pena pôr um filho no mundo? Lembra de sua infância pobre, muito pobre na roça e temia a repetição de uma mesma vida para os seus filhos. O

pai trabalhava tanto. A mãe pelejava com as vasilhas de barro e tinham apenas uma casa de pau a pique coberta de capim, para abrigar a pobreza em que viviam. E esta era a condição de muitos [...] Crescera na pobreza. Os pais, os avós, os bisavós sempre trabalhando nas terras dos senhores. A cana, o café, toda a lavoura, o gado, as terras, tudo tinha dono, os brancos (EVARISTO, 2003, p. 70).

Percebe-se que Ponciá não consegue mais vislumbrar dias melhores na cidade após a perda de seus sete filhos. Aquelas crianças que nem chegaram a nascer não poderiam ter um futuro diferente do seu, pois ainda seriam filhos de uma mulher negra, pobre e periférica. Com o passar dos anos na cidade, a protagonista do romance de Conceição Evaristo torna-se ausente do seu próprio eu como veremos a seguir:

E agora, ali deitada de olhos arregalados, penetrados no nada, perguntava se valera a pena ter deixado sua terra. O que acontecera com os sonhos tão certos de uma vida melhor? Não eram somente sonhos, eram certezas! Certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdera o contato com os seus. E agora feito morta-viva, vivia (EVARISTO, 2003, p. 30).

A vida na cidade grande não foi benéfica para Ponciá Vicêncio nem para Biliza assim como para milhares de outras mulheres negras que saíram do campo em busca de melhores condições de vida na cidade grande e não conseguiram. Dessa forma, mesmo abolida a escravidão em 1888, Ponciá Vicêncio e Biliza são duas mulheres negras, pobres e periféricas, excluídas do tempo do progresso da cidade. Embora estejam dentro do cenário urbano, só conseguem ser vistas como subalternas: moram fora dos grandes centros e ocupam posições desprestigiadas. Diante disso, apenas as lembranças dos familiares, do rio e do barro amenizam a dor na alma que a Ponciá sente. Ou seja, o presente não traz nenhuma felicidade; apenas no passado e na família se sente amparada.

Nos tempos de roça de *Ponciá*, nos tempos de casa de pau-a-pique, de chão de barro batido, de bonecas de espigas de milho, de arco-íris feito cobra coral bebendo água no rio, a menina gostava de ser mulher, era feliz. A mãe nunca reclamava da ausência do homem. Vivía entretida cantando com as suas vasilhinhas de barro (EVARISTO, 2003, p. 24).

Conceição Evaristo rompe com o sistema de opressão a partir do momento em que Ponciá Vicêncio se nega a ficar na cidade grande sofrendo e no final da narrativa volta para sua comunidade da vila Vicêncio, volta para os seus, para o rio e para sua arte com o barro reconnectedo-se com suas raízes. A cidade não é um espaço de realização, como promete o projeto moderno brasileiro. É só um espaço que corrobora com a expropriação de Ponciá: na cidade está sem lar, sem família, sem o campo e sua arte, sem suas memórias, contando apenas com sua força de trabalho para sobreviver. O alheamento de Ponciá vem da consciência de que é só um corpo a ser explorado, e não aquele corpo de sonhos, arte e vida que era junto aos seus.

Ponciá e Biliza não conseguem se integrar devido à própria sociedade não permitir que isso aconteça. Isto posto, é evidente que o racismo é estrutural e está enraizado na sociedade brasileira. É interessante mencionar que as sinhás foram substituídas pelas patroas, e as senzalas pelo quarto de empregada.

Conceição Evaristo procura mostrar que ser uma mulher negra livre com sua alforria nem sempre significa liberdade. Revela também que, mesmo liberta, essa mulher ainda não

está totalmente livre, pois, na sociedade brasileira a distinção entre escravo e cidadão não passa de um artifício, já que Ponciá Vicêncio e Biliza continuaram a dever humildade e obediência às suas patroas, sem direitos e só com deveres.

Portanto, o legado que a escravidão deixou para Ponciá Vicêncio, para Biliza e para tantas outras mulheres negras e pobres foi a certeza de que elas serão discriminadas e excluídas por sua cor, e suas condições serão regidas a partir do passado escravocrata do país. Não dar voz às mulheres negras é compactuar, validar e alimentar todas essa estrutura de exploração.

Conclusão

A escrita transgressora de Conceição Evaristo está altamente comprometida com a luta por direitos básicos, autonomia e resistência da mulher negra. Ao publicar *Ponciá Vicêncio* em 2003, a autora desconstruiu uma história literária pautada no imaginário masculino e branco. A personagem principal é representada com valores culturais de modo que fosse vista sob uma ótica de transgressão. *Ponciá Vicêncio* faz-nos pensar sobre a condição e sobre quais papéis sociais são dados às mulheres negras, pobres e periféricas no Brasil. O romance destaca as dores, as angústias e, sobretudo, as violências que essas mulheres sofrem.

Essa obra é de grande importância para o debate sobre a luta contra o racismo estrutural. A literatura, dessa forma, assume um papel político na denúncia das desigualdades e explorações na sociedade brasileira.

É preciso praticar e ampliar a escuta para ouvir narrativas de um grupo que foi e ainda é silenciado e marginalizado. Hoje, mais do que nunca, é tempo de refletir sobre aqueles e aquelas que fazem parte da história do Brasil, mas não vistos com cidadania. Conceição Evaristo denuncia, em sua obra, que as identidades não são vistas e pensadas de maneira igualitária em nossa sociedade.

Referências

ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural**. Belo Horizonte: Letramento, Justificando, 2018.

BONNICI, Thomas. Teoria e Crítica Pós-Colonialistas. In: ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). **Teoria Literária: Abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3° ed. Maringá: Eduem, 2009.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

GAFFO, Bethânia. As mulheres no sistema patriarcal do Brasil do século XIX. In: Seminário de Pesquisa do ppghs; VI Semana de História, XIII Encontro das Especializações em História da Universidade Linguagens e Identidades. **Anais...** Londrina, set. 2012. V. 3. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/mesthis/Evento2012AnaisPosStrictoSenso.pdf> Acesso em: 22 mai. 2020.

RIBEIRO, Djamilia. **Quem tem medo do Feminismo Negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

TELLES, Norma. Rebeldes escritoras, abolicionistas. **Revista História** [online], São Paulo, 120, p. 73-83, jan./jul. 1989. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18593>. Acesso em: 27 mai. 2020.